



Capítulo 1

Um vazio no peito

Ela vivia buscando, mas ainda não havia encontrado. Já tivera as maiores aventuras, tinha viajado para lugares longínquos e diferentes, mas nem isso era capaz de lhe dar alguma pista de onde estaria. Áurea já era uma adolescente, muito embora ainda conservasse o ar maroto e divertido de menina. Tinha cabelos encaracolados, pernas compridas e carregava nos olhos castanhos uma curiosidade infinita sobre o mundo, além de sempre se questionar sobre o que seria preciso fazer para ser feliz. Todo mundo à sua volta, desde os colegas da escola, o irmãozinho pequeno, os amigos do prédio, a vizinha que gostava de flores, os primos da fazenda e quem quer que fosse, todos pareciam felizes, mas ela não se sentia como eles. Tinha certeza de que a felicidade haveria de estar em algum lugar que ela ainda desconhecia, mas que fazia toda a questão do mundo de encontrar!

“Ser feliz é tão bom!”, pensava ela...

Áurea não entendia por que a felicidade chegava e partia. Alguma coisa devia estar muito errada, pois a vida, para valer a pena, deveria ser feliz o tempo todo! E com essa ideia dormia todas as noites, imaginando onde moraria a tal felicidade.

Ela desconfiava que não houvesse procurado direito... Tinha a sensação de que todos à sua volta eram felizes, o que a fazia pensar cada vez mais que a felicidade deveria morar num lugar bem escondido, que ela ainda não tinha encontrado! “Pena que nunca tive paciência para brincar de esconde-esconde. Se tivesse praticado mais, talvez já tivesse achado um jeito de ser feliz o tempo todo”, ia pensando, enquanto encaracolava os cabelos cacheados com os dedos. Como ser feliz o tempo todo era sua preocupação diária.

Certa vez, ao ganhar uma caixa de bombons, devorou-a todinha de uma vez só! Era muito gostoso, e, enquanto ela comia e lambia os dedos cheios de chocolate derretido, sentia-se muito feliz e agradecida. “Acho que a felicidade também gosta de chocolate”, pensou ela, um tanto irônica. Mas foi só desembulhar e engolir o último doce que sua felicidade acabou junto com o bombom, e Áurea voltou a se preocupar com o que faria para ser feliz novamente...

Outra vez, alguns parentes engraçados da sua mãe que falavam com um sotaque arrastado vieram fazer uma visita. Foi um fim de semana inteirinho com todos juntos contando tantas histórias e compartilhando tantas lembranças gostosas das brincadeiras de tempos atrás, que ela não se cansava de ouvir e querer mais! Mas, assim que a família partiu, as risadas também acabaram, a casa ficou silenciosa, e a felicidade sumiu como fumaça no ar.

Sua grande alegria e companhia era Spot, um cachorro de cara pintada e rabo enrolado, que latia de um jeito estridente quando estava feliz. Sempre agitado, Spot



tinha uma língua incansável, pronta a todo instante para lambar e mostrar seu carinho. Brincava de bolinha, tomava sol, corria atrás de passarinhos distraídos e de vez em quando roubava comida de cima da mesa, quando a família não estava olhando. Spot dormia numa caminha, junto com um urso de pelúcia encardido e sem um olho, que tinha uma orelha mastigada e que tinha sido cirurgicamente costurada pela tia da menina. Além dessas poucas coisas, o cachorro só tinha suas vasilhas de água e ração, e, sem sombra de dúvida, ele parecia ser muito feliz!

Áurea tinha bicicleta, videogame, celular, televisão, patins, todo tipo de roupa da moda, vários amigos, e mesmo assim a felicidade lhe escapava como água por entre os dedos. Era como se dentro dela existisse um buraco, uma espécie de vazio que doía e incomodava. E quem é capaz de ser feliz com um buraco no peito? Essa era a pergunta que sempre a acompanhava, enquanto estava no banho, na escola, assistindo à tevê ou não fazendo nada mesmo.





E assim os dias iam passando. Já era fim de outono, e as férias estavam chegando. Áurea começou a pensar que um bom jeito de encontrar a felicidade seria indo para a casa de sua avó, que morava num sítio cheio de flores azuis e alaranjadas, com um riacho de água gelada no fundo. Lembrou-se de que, quando visitava seus avós, todas as noites se encantava com os besouros e mariposas que rodeavam a varanda da casa. “Mamãe sempre diz que vovó sabe das coisas”, considerou. E assim, combinou com sua mãe e com sua avó, conhecida como dona Zinha, que passaria alguns dias por lá.

Vó Zinha tinha um jeito de estar sempre feliz com a vida, de tão risonha que era. Gostava tanto, mas tanto de suas plantas que as regava todos os dias, mesmo quando chovia. “Veja como ficam agradecidas”, dizia ela, sorridente, enquanto recolhia o esguicho, observando as folhagens verdes e viçosas. De tão pequenininha, Vó Zinha era chamada pelos netos simplesmente de Vozinha, como se nem seu nome pudesse ser dito em duas palavras. Apesar de seu tamanho, Vozinha era casada com um homem alto e corpulento, conhecido como Vozão. Vozão era bem velho, dizia ter nascido no século passado, e vivia dentro de sua oficina – um barracão logo atrás da casa, cheio de cacarecos. Lá consertava

de tudo e também construía coisas divertidas. Ele era engraçado: sabia contar histórias de um jeito só dele, fazendo caretas e também cara séria, enquanto todos riam. Também sabia mexer as orelhas para cima e para baixo, coisa que Áurea nunca conseguiu aprender a fazer. Vozão tinha uma enorme poltrona xadrez vermelha e preta, estrategicamente colocada ao lado da janela que dava para o quintal. Lá ele lia jornal e ouvia música todos os dias no mesmo horário. E, por falar em horário, na sala de jantar ficava pendurado na parede um velho relógio de madeira que estava na família havia muito tempo e que diziam ser muito precioso. Para funcionar, era preciso dar corda nele toda semana – caso contrário, pararia de balançar o pêndulo e de bater as horas. A cada hora, um passarinho adormecido saía de dentro do relógio por uma portinha e, com um piado alto, anunciava as horas do dia. Ao meio-dia ele piava doze vezes, e Áurea tinha de contar nos dedos cada pio para saber que horas eram. Era intrigante como na casa de Vozinha e Vozão o tempo parecia passar mais rápido, e entre uma ocupação e outra a noite logo chegava, anunciada pelas cigarras e pelo silenciar dos passarinhos que viviam ali por perto.

E foi assim, relembrando os detalhes da casa dos avós, que os dias se passaram, e Áurea então se preparou para as férias.

“Quem sabe Vozão e Vozinha não me ajudam a descobrir onde devo procurar pela felicidade. A vida com eles é tão divertida! Deve haver alguma coisa por lá! Pessoas mais velhas são mais experientes, e devem entender melhor dessas coisas...”

Muito animada, Áurea preparou seu mochilão e a sacola de Spot, seu fiel escudeiro, que iria junto com ela. Era uma viagemzinha bem curta, e logo estaria na cozinha gostosa da avó, que a estaria esperando, preparando pastel e torta para o almoço, como sempre fazia.

Quando chegou, a casa dos avós estava silenciosa como de costume, exceto pelos latidos de Spot, que, agitado, já se divertia, correndo atrás das codornas que Vozão criava. Havia cheiro de lavanda por toda parte, e perto das janelas dos quartos um manacá-cheiroso insistentemente florido perfumava os ambientes próximos. Claro que logo no almoço perguntou para a Vozinha e o Vozão sobre como encontrar a felicidade, pergunta para a qual, para seu desapontamento, teve como resposta que a felicidade não tem lugar certo pra ficar... E o pior de tudo: disseram que cada pessoa tem o seu jeito de ser feliz e por isso deve encontrar sua felicidade por conta própria.

Decepcionada e sentindo que seus esforços e a esperança de finalmente encontrar a chave para a felicidade tinham sido em vão, Áurea resolveu explorar o lugar enquanto eles cochilavam depois da refeição. Vozinha preferia descansar no quarto, com as janelas fechadas, dizendo que dormia melhor num lugar fresquinho e sem mosquitos. Já Vozão ia para a poltrona da sala, onde costumava roncar de boca aberta, com o jornal caído no colo.



Capítulo 2

O quartinho misterioso

Áurea desceu o morrinho atrás da casa em direção ao barracão onde ficava a oficina do avô. Bem ao lado ficava um quartinho, sempre com a porta e a janela fechadas. Toda vez que perguntava sobre o que havia lá, a resposta era a mesma: “Mistério”. Curiosa, tocou na porta e empurrou o trinco da maçaneta, que, para sua surpresa, estava aberta. Não entendeu por que nunca havia tentado isso antes... Talvez fosse pelo frio na barriga, por se tratar de um cômodo aparentemente proibido. Entrou. Estava escuro, cheirava a uma mistura de poeira e mofo. Com a sensação de estar fazendo coisa errada, o coração de Áurea batia tão forte que quase dava para ouvir. Apertando os olhos para enxergar no escuro, viu uma série de objetos que não tinham ligação entre si. Uma cama montada sem colchão, um carrinho de rolimã, a cadeirinha de balanço com cabeça de cavalo que usava quando pequena, uma vitrola bem antiga que parecia quebrada, uma penteadeira que sabia ter sido da avó de sua avó, a bengala de madeira que parecia ter sido da dona Frida – uma senhora bem velhinha que escutava muito mal e andava curvadinha, cujo grau de parentesco com sua avó a menina nunca tinha entendido direito. Também viu uma coleção de torneiras (Vozão adorava colecionar objetos estranhos); nas paredes, alguns quadros desbotados e duas rodas de carro de boi; no teto, ao lado da lâmpada queimada, um móvel de passarinhos que reconheceu ter ficado sobre a caminha em que dormia quando bem pequenininha. Logo em frente à porta de entrada, encostado na parede do fundo, havia um objeto grande, que quase alcançava o teto. Era aparentemente retangular e estava coberto por um lençol tão empoeirado quanto o resto do ambiente. Áurea abriu mais a porta para a claridade entrar e, puxando o tecido pela ponta de baixo, foi descobrindo pouco a pouco a coisa que lhe parecia ser a mais intrigante de todo o cômodo. Não demorou a perceber que se tratava de um espelho, embora fosse

